



História Unicap
ISSN 2359-2370

Ambrósio Fernandes Brandão, escrivão da feitoria de Malaca, soldado e financista de D. Sebastião

Ambrósio Fernandes Brandão, scribe at the feitoria of Malacca, soldier and, D. Sebastião's military campaign financier

Mozart Vergetti de Menezes*

mvm@academico.ufpb.br

Maria Eduarda Medeiros Brandão**

maria_eduarda_mb@hotmail.com

Resumo:

O documento transcrito fornece algumas informações inéditas na trajetória de atuação do cristão-novo, Ambrósio Fernandes Brandão (Lisboa c. 1555 –?). Trata-se do registro de uma Carta de mercê do ofício de escrivão da Feitoria de Malaca (Ásia), concedida por D. Filipe I, a ele. Ambrósio foi um mercador, senhor de engenho e de escravos, que atuou principalmente entre as Capitanias ao Norte do Brasil e Lisboa. Sua trajetória é célebre na historiografia colonial e já passou pelas mãos de Capistrano de Abreu, José Antônio Gonsalves de Mello, Jaime Cortesão e outros.

Palavras-chave:

Ambrósio Fernandes Brandão; Feitoria de Malaca; Cristão Novo; redes mercantis.

Abstract:

The transcribed document provides a sum of unpublished information regarding the New-Christian Ambrósio Fernandes Brandão's trajectory (Lisboa c. 1555 –?) presented in a Royal letter, containing favors in light of services performed for the Crown. More specifically, the position of a scribe at the Feitoria of Malacca, conceived by D. Filipe I. Ambrósio Fernandes was a merchant who owned sugar mills and slaves, with operations extending from the northern captaincies of Brazil to Lisboa. His trajectory became famous among historiography through the efforts of Capistrano de Abreu, José Antônio Gonsalves de Mello, and others, as a means to unveil the authorship of Dialogue of Great things of Brazil, nowadays, commonly attributed to Ambrósio Fernandes.

Keywords:

Ambrósio Fernandes Brandão; Feitoria de Malacca; New-Christians; network.

*Professor da Universidade Federal da Paraíba.

**Graduanda em História na Universidade Federal da Paraíba. Participa do programa de iniciação científica (PROPESQ/UFPB) no Projeto "As Câmaras Municipais na Capitania da Paraíba, um resgate documental - 1585-1822".

Ambrósio Fernandes Brandão foi um mercador, senhor de engenho e de escravos, que atuou, principalmente, entre as Capitânicas ao Norte do Brasil e Lisboa. Nascido em Portugal, por volta de 1555¹, guerreou como *Capitão dos Mercadores* [Companhia de Infantaria²] na armada do General [Ouvidor Geral] Martim Leitão, em prol da conquista do Rio Paraíba que, na época, estava dominado pela nação Potiguara. Após a conquista, Fernandes conseguiu instalar um engenho em Pernambuco e três na Paraíba, em momento de alta do produto, entre fins do séc. XVI e início do XVII (GONÇALVES, 2007).

Apesar de ser cristão-novo em tempos inquisitoriais, poucas foram as denúncias contra ele no tribunal. Das mais emblemáticas, destacam-se a do Vigário Francisco Dotel³, em 1591, feita ao Visitador Heitor Furtado de Mendonça, quando o Santo Ofício visitou Pernambuco. Neste caso, Ambrósio Fernandes foi acusado, junto a outros nomes de prestígio local, de frequentar o Engenho de Camaragibe — do qual era feitor (administrador) —, que funcionava como uma sinagoga doméstica. Outra a se chamar a atenção ocorreu na sede do Tribunal, em Lisboa, durante novembro de 1609.

Dessa vez, Miguel Fernandes de Luna⁴, “de nação mourisca natural de Granada” e prestador de reparos na residência de Ambrósio Fernandes, na calçada do Combro, informou que o mercador — à época servindo como *Tesoureiro-Geral da Fazenda dos Defuntos e Ausentes do Brasil* — resguardava-se aos sábados e que sua família era letrada. Destarte, seu nome nunca foi a processo e não se tem notícias de Ambrósio Fernandes após 1618, além de que seus engenhos foram repassados aos filhos.

Sua trajetória é célebre na historiografia colonial e já passou pelas mãos de Capistrano de Abreu, José Antônio Gonsalves de Mello, Jaime Cortesão e outros. O motivo se deu frente a autoria anônima de uma das principais fontes para o estudo da colônia: *O Diálogo das Grandezas do Brasil*. Escrita em 1618, dois interlocutores discutem aspectos diversos referentes à colônia no Brasil, pela perspectiva de um estabelecido — Brandônio — e um recém-chegado — Alviano — e tornou-se uma das principais amostras referentes à literatura de viagem ao discorrer sobre a economia, sociedade, fauna, flora e outros diversos aspectos com sapiência.

Francisco Adolfo Varnhagen, publicando o apógrafo de Leiden no Séc. XIX, atribuiu a autoria ao poeta Bento Teixeira, autor da *Prosopopéia*, partindo de dados encontrados por dentro da obra. Capistrano de Abreu, apoiando-se em indícios documentais e, também, intratextuais, sugeriu que o autor do *Diálogo* fosse Ambrósio Fernandes Brandão e que a escrita decorreria na Paraíba. Para sustentar esta hipótese, ou descortinar novas informações, outros autores buscaram levantar dados sobre a trajetória do Senhor de Engenho. Atualmente, constam diversas edições publicadas do *Diálogo das Grandezas do Brasil* e a historiografia parece girar em torno da autoria atribuída a Ambrósio Fernandes. Como mais recente, destaca-se a transcrição de Caesar Sobreira (2019) da primeira edição do apógrafo de Lisboa. Sobre a autoria, Sobreira afirma que

¹ Processo nº 5206. PT-TT-TSO-IL-28-5206_m0121; PT-TT-TSO-IL-28-5206_m0122.

² História da Conquista da Paraíba, 1993, p. 49.

³ Livro 3 das denúncias da primeira visitação ao Brasil (1591 – 1595). PT-TT-TSO-IL-038-0780_m0043 — PT-TT-TSO-IL-038-0780_m0050.

⁴ 4º CADERNO DO PROMOTOR. PT-TT-TSO-IL-030-0205_m0009 — PT-TT-TSO-IL-030-0205_m0014

A presente edição mantém a condição de autoria anônima, porque assim o é, ainda que — do ponto de vista pessoal — concordamos com a atribuição ou presunção de autoria que aponta Ambrósio Fernandes Brandão como autor do *Diálogo das grandezas do Brasil*” (SOBREIRA, 2019, p. 28).

As pistas encontradas ao longo de tempo, no entanto, deixaram lacunas e indicações, abrindo margens para abordagens indiciárias sobre a trajetória do sujeito ao passo que não apenas novas perspectivas são utilizadas, mas também fontes não trabalhadas anteriormente vêm à tona. Seria este o caso da “*Carta de mercê do ofício de escrivão da Feitoria de Malaca (Ásia), concedida por D. Filipe I a Ambrósio Fernandes Brandão*”, encontrada no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Lisboa. Mais especificamente, no Livro 2 da Chancelaria de Filipe I.

Cabia à Chancelaria Régia registrar atos de nomeação, ou mais especificamente, provimentos feitos e/ou confirmados pela Coroa. Nesse sentido, Ambrósio Fernandes Brandão foi agraciado para que atuasse como *escrivão* da Feitoria de Malaca e apontador das obras da Fortaleza da dita cidade, por três anos. Tal mercê foi-lhe outorgada aos 12 dias [deste] do mês de fevereiro [do ano presente] de 1581 e duraria um período de três anos. Este interstício parece corroborar com a crença em torno da chegada de Ambrósio Fernandes Brandão à colônia por volta de 1583, com base nas informações fornecidas pelo interlocutor Brandônio.

E o caso é este: Estando eu no ano de [15]83 assistente na capitania de Pernambuco na Vila de Olinda a tempo de partir uma frota para o Reino, que me trazia assaz ocupado com o haver de escrever para lá, chegou um criado meu, a quem trazia ocupado no recebimento dos dízimos dos açúcares, que estavam a meu cargo (...) Eu era então novo na terra, e não havia visto nela nenhum âmbar (...) (SOBREIRA [BRANDÃO], 2019, p. 203 — 205).

Malaca representaria à época uma das principais feitorias da Ásia. Como visto por Joaquim Romero Magalhães, era “o porto da maior escala & das mais ricas mercadorias que se então sabia no mundo” (p. 307) e sua conquista, segundo Nuno Gonçalo Monteiro (2009), contribuiu diretamente para o domínio lusitano sobre a Ásia e a instalação do monopólio da pimenta, pois estabelecer um triângulo de fortalezas em Malaca, Goa e Ormuz garantiria ao Império controlar, principalmente, a entrada do Golfo Pérsico (p. 217).

Das informações trazidas pela carta, é descoberto que Ambrósio Fernandes Brandão ascendeu à posição após ter servido em armadas nas Índias — embora o documento não estipule quais — e ser ferido. A posteriori, servir na Armada do Mar de D. Sebastião na África, desta vez não apenas pegando em armas, mas também servindo como um dos fiadores da empreitada. Desse modo, o documento contribui a uma miríade de abordagens. Não só lança luz sobre os conhecimentos acerca das Índias que o interlocutor Brandônio veio a apresentar ao longo dos diálogos, mas também oferece a possibilidade de alargar os olhares sobre os locais-sociais dos primeiros Senhores de Engenho estabelecidos nas Capitâneas do Norte. embora, ao tempo do juramento de chancelaria, Ambrósio Fernandes não se estivesse presente na corte e, assim, o documento não oferece comprovação de que de fato tenha atuado no cargo, apesar de ter sido agraciado com a mercê.

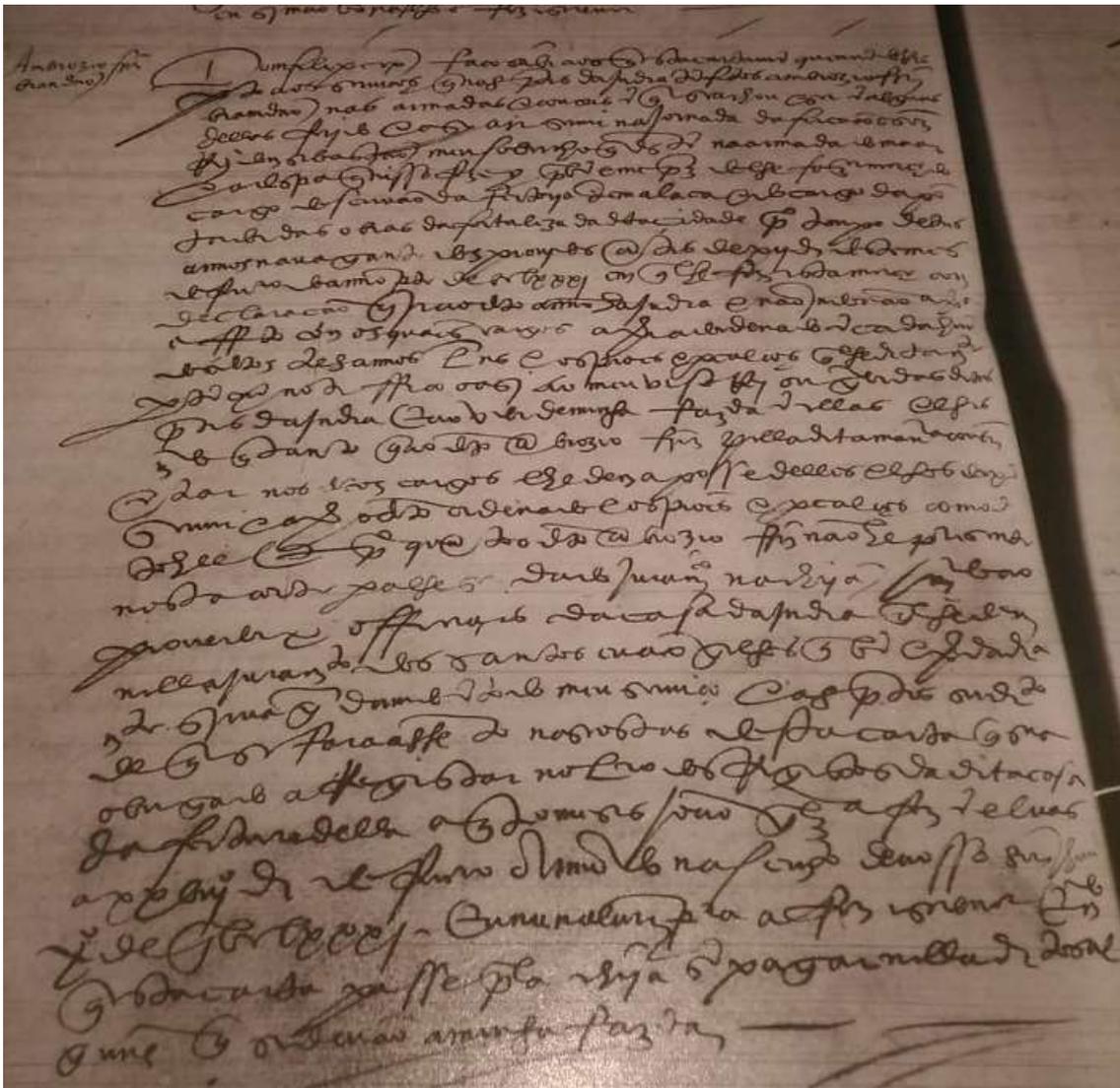


Figura 1: Carta De Mercê Do Ofício De Escrivão Da Feitoria De Malaca (Ásia), Concedida Por D. Filipe I a Ambrósio Fernandes Brandão. Chancelaria de D. Filipe I, liv. 2, f. 73v.

Características: Escrita processada; típica da chancelaria portuguesa durante o reinado dos Filipes, 1580-1640.
Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa, Portugal - *Chancelaria Régia*

Transcrição moderna

[À margem:] Ambrósio Fernandes Brandão

- 1/ Dom Filipe, etc, faço saber aos que esta carta virem que havendo res
- 2/ peito aos serviços que nas partes da Índia tem feitos Ambrósio Fernandes
- 3/ Brandão nas armadas e cousas em que se achou e ser em algumas
- 4/ delas ferido e asi a ir servir na jornada de África com o Senhor
- 5/ Rei Dom Sebastião, meu sobrinho, que Deus tem, na armada do mar,
- 6/ e à despesa que nisso fez e hei por bem e me praz de lhe fazer mercê do
- 7/ cargo de escrivão da feitoria de Malaca e do cargo

/8 de apontador das obras da fortaleza da dita cidade por tempo de três
/9 anos na vagante dos providos antes de 12 dias deste mês
/10 de Fevereiro do ano presente de 1581 em que lhe fiz esta mercê, com
11/ declaração que irá o dito ano à Índia e não indo não haverá
12/ efeito, com os quais cargos haverá de ordenado em cada um
13/ dos ditos três anos 50.000 reais e os prós e percalços que lhe diretamente
14/ pertencem. Notifico-o asi ao meu vice-rei ou governador das ditas
15/ partes da Índia e ao vedor de minha fazenda em elas e lhes
16/ mando que tanto que ao dito Ambrósio Fernandes pela dita maneira couber
17/ entrar nos ditos cargos lhe dêem a posse delas e lhos deixem
18/ servir e haver o dito ordenado e os prós e percalços como
19/ dito é. E porquanto o dito Ambrósio Fernandes não é presente
20 nesta corte para lhe ser dado juramento na chancelaria, mando ao
21 provedor e oficiais da Casa da Índia que lhe dêem
22/ nela juramento dos santos evangelhos que bem e verdadeiramen-
23/ te sirva, guardando em todo meu serviço e às partes seu direito,
24/ de que se fará assento nas costas desta carta, que será
25/ obrigado a registrar no livro dos registos da dita Casa
26/ da feitura dela a quatro meses. João Gonçalves a fez, em Elvas,
27/ a 28 dias de Fevereiro, ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus
28/ Cristo de 1581. Eu, Nuno Álvares Pereira, a fiz escrever. E mando
29/ que esta carta passe pela chancelaria sem pagar nela direitos al
30/ guns que se devam à minha Fazenda.

Fontes:

Arquivo Nacional da Torre do Tombo

4º CADERNO DO PROMOTOR. Liv. 205.

Chancelaria Régia

Carta De Mercê Do Ofício De Escrivão Da Feitoria De Malaca (Ásia), Concedida Por D. Filipe I a Ambrósio Fernandes Brandão. Chancelaria de D. Filipe I, liv. 2, f. 73v.

PROCESSO DE MESTRE BENTO TEIXEIRA, nº 5206.

Registro das visitasões. Liv. 780. LIVRO 3 DAS DENÚNCIAS DA PRIMEIRA VISITAÇÃO AO BRASIL (1591 – 1595).

Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa.

Referências

GONÇALVES, Regina Célia. *Guerras e açúcares: política e economia na Capitania da Parayba (1585 – 1630)*. São Paulo: Edusc, 2007.

HISTÓRIA DA CONQUISTA DA PARAHYBA por um da Companhia de Jesus escrita nos fins do século XVI a mando do Padre Christovam de Gouveia, visitador da Companhia de Jesus, na Província do Brasil. Campina Grande: Editora Universitária da Fundação Universitária Regional do Nordeste, 1983.

MAGALHÃES, Joaquim Romero. *A estrutura das trocas*. In: MATTOSO, José. História de Portugal. Lisboa: Editorial Estampa, 1997.

MONTEIRO, Nuno Gonçalo. *Idade moderna (séculos XV – XVIII)*. In: RAMOS, Rui. SOUSA, Bernardo Vasconcelos e. MONTEIRO, Nuno Gonçalo. História de Portugal. Lisboa: Esfera dos Livros, 2009.

SOBREIRA, Caesar Malta. *Diálogo das Grandezas do Brasil* Primeira edição (diplomático-interpretativa e fac-similar) do apógrafo de Lisboa; estabelecimento de texto, estudo introdutório, notas e comentários por Caesar Sobreira. Recife: Cepe, 2019.

Submissão: 06/08/2020

Aceite: 02/09/2020